

HISTÓRIAS “DO ARCO DA VELHA”: MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA NARRATIVA COM IDOSOS

Mariele R. CORREA¹ e Sônia Ap. Moreira FRANÇA²
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Um dos papéis sociais atribuídos ao idoso é o de ser a memória coletiva de seu grupo social, na arte de contar histórias e de transmitir seu legado cultural. A sobrevivência do passado depende das lembranças que emergem da memória e que são traduzidas para outrem. Na sociedade contemporânea, percebemos que o passado, seja ele advindo de uma história de vida ou mesmo de acontecimentos do cotidiano, é relativamente privado de expressão no meio social. A experiência narrativa nem sempre encontra interlocutores para dialogar. Em nosso trabalho com idosos, intitulado “Oficinas de Psicologia” e realizado dentro do programa Universidade Aberta à Terceira Idade (Unesp- Campus de Assis), procuramos incitar a emergência das mais diversas lembranças e experiências ocorridas nas diferentes fases da vida, com o intuito de promover o resgate não somente da própria história do indivíduo, como também do grupo social em que ele se inscreve. Nas atividades realizadas com o grupo de idosos, elaboradas previamente, privilegiamos um espaço no qual as experiências guardadas na memória ganhem corpo e sentidos polissêmicos através da narrativa. A cada encontro, novas histórias são produzidas num encontro com o passado e é feito um registro das histórias narradas, seja em cartas, cartazes ou revistas de circulação no campus da universidade. As brincadeiras da infância, os bailes e os carnavais na juventude, os “causos” e lendas transmitidos culturalmente, os usos e costumes de uma época, os cuidados com o corpo e a saúde são algumas das temáticas já trabalhadas, porém nunca esgotadas. Percebemos que, ao recorrer às lembranças para lançar mão das histórias impressas na memória, as lembranças ganham seus contornos no próprio presente quando rememoradas. Para os idosos, o resgate do passado por meio da experiência narrativa possibilita um espaço de interlocução de suas memórias e de ressignificação tanto do passado como do presente mesmo. Para o psicólogo, é a oportunidade de realizar uma prática diferenciada que não vise o lembrar por lembrar, mas que procure fazer da rememoração um ato político de confronto com as práticas do presente e de questionamento do papel dos idosos na sociedade contemporânea, porque, afinal, são eles atores da construção da história do cotidiano.

¹ E-mail: marielecorrea@bol.com.br

² E-mail: sfranca@assis.unesp.br

HISTÓRIAS “DO ARCO DA VELHA”: MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA NARRATIVA COM IDOSOS

Mariele Rodrigues CORREA³ e Sonia Ap. Moreira FRANÇA⁴
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Introdução

*“As lutas pela memória:
eis algo de que todos temos conhecimento de causa”.*
(BOSI, 1987, p. 333)

Um dos papéis que são atribuídos aos mais velhos é o da arte de contar histórias de um passado considerado longínquo, seja da família, da cidade ou de acontecimentos que marcaram uma determinada geração. Diz-se do idoso que ele é um saudosista, vive das memórias de anos dourados de sua juventude e sempre as evoca para confrontar o passado com os contornos do contemporâneo, muitas vezes valorizando o pretérito em detrimento do presente.

Em nosso trabalho com idosos, intitulado “Oficinas de Psicologia” e realizado dentro do programa Universidade Aberta à Terceira Idade (Unesp-Campus de Assis), procuramos incitar a emergência das mais diversas lembranças de experiências ocorridas nas diferentes fases da vida, com o intuito de promover o resgate não somente da própria história do indivíduo, como também do grupo social em que ele se inscreve.

A sobrevivência do passado e do legado cultural dependem das lembranças que emergem da memória e que são traduzidas para os seus. As lembranças, na maior parte das vezes, são despertadas quando provocadas por outro, em situações nas quais o sujeito é chamado a contar um caso, ou a história da família ou mesmo para ajudar a relembrar e confirmar fatos passados. Dessa forma, a memória sempre se recompõe, o passado se

³ E-mail: marielecorrea@bol.com.br

⁴ E-mail: sfranca@assis.unesp.br

atualiza e se presentifica na relação que se estabelece ao se narrar uma história. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.(BOSI, 1987, p. 17)

É comum se ouvir dizer que o idoso é alguém que vive de lembranças, remoendo e degustando os anos que já se foram. Há até um ditado popular dizendo que “quem vive de passado é museu”, ou seja, retratando os idosos como museus ambulantes extemporâneos, situados num tempo que não o atual.

Apesar do que a cultura popular diz, debruçar-se na esteira do tempo que toma corpo nas memórias é realizar um trabalho político. Mais do que um devaneio fútil ou uma tentativa de preencher o tempo ocioso, recordar é dar corda de novo nas engrenagens da história. Apropriar-se da memória e transmitir esse legado cultural é reconstruir o passado, dar a ele a possibilidade de ser atualizado e narrado de uma forma diferente daquela contada nos livros. Mais ainda: é ter de volta o sentimento de pertença a uma história ou mesmo à própria sociedade, sentimento este que muitas vezes é expropriado daqueles que viveram e construíram a sociedade, cada qual à sua maneira.

Aporte metodológico

Em nossas atividades com o grupo de idosos, privilegiamos um espaço no qual as experiências guardadas na memória ganhem corpo e sentidos polissêmicos através da narrativa. A cada oficina, novas temáticas são desenvolvidas e há a produção do registro das histórias narradas, seja em cartas, cartazes ou revistas de circulação no campus da universidade.

A experiência narrativa, de acordo com Certeau (1994), é diferente de uma simples técnica de descrição. Para o autor, contar uma história é criar espaço para a ficção, é uma arte do dizer e de fazer a história. Essa prática implica uma relação indissociada do tempo, da noção de duração, da memória se presentificando no ato mesmo da fala: “o discurso produz efeitos ao querer dizer outra coisa do que aquilo que se diz; exerce sua estratégia por um desvio pelo passado, recorrendo à memória como uma de suas táticas geradoras de sentido”. (Mairesse; Fonseca, 2002, p.114)

Ao reler um livro ou rever um filme, o olhar sempre captura algo que antes não foi visto. Assim acontece quando um indivíduo recorda suas experiências passadas. É impossível vivê-las tal e qual aconteceram, no mesmo cenário e com as mesmas pessoas. Por isso o trabalho de recordar é uma reconstrução de fatos da memória e da linguagem, pois, cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergir novos significados sobre o mesmo acontecimento, assim como outros sentimentos e sensações são despertados nesse trabalho de reconstrução da história, independente de relatos verídicos ou não.

A experiência narrativa recorre ao passado para lançar mão das histórias impressas na memória. E é por essa última que o passado se produz não apenas como um antigo presente, mas enquanto algo que se constrói no próprio presente: “a memória se constrói no encontro com os acontecimentos, em seu instante ainda virtual, quase pronto para realizar-se. Assim, a memória consiste num meio de transformar os lugares”. (Mairesse; Fonseca, 2002, p114).

No trabalho com idosos, a memória é evocada em oficinas temáticas elaboradas previamente. A cada encontro, novas histórias são produzidas num encontro com o passado. As brincadeiras da infância, os bailes e os carnavais na juventude, os “causos” e

lendas transmitidos culturalmente, os usos e costumes de uma época, os cuidados com o corpo e a saúde são algumas das temáticas já trabalhadas, porém nunca esgotadas. O trabalho coletivo realizado nessas oficinas de psicologia não visa o lembrar por lembrar. Procuramos fazer desse trabalho um ato político de confronto com as práticas do presente e de questionamento do papel da terceira idade na sociedade contemporânea, porque, afinal, os idosos são atores da construção da história do cotidiano.

Essa arte de contar histórias, na realidade, é uma arte do encontro do que já passou com o que é atual, com a presença das ausências, com as diferentes gerações, com os fantasmas vagantes em algum lugar da memória e das possibilidades de se produzir e transformar uma(s) realidade(s):

Somente através da memória se pode atingir o passado, e este, não existindo como um antigo presente, só se torna possível enquanto produção no presente, resgatado pelo imemorial. Assim, é somente a partir de hoje que se pode falar sobre o passado, e é implicado no presente e comprometido com o futuro que se faz valer o passado – um passado sempre a se refazer no presente. (Mairesse; Fonseca, 2002, p.114)

Recordar e experienciar a narrativa no contemporâneo: o caso dos idosos

A atividade de recordar se exerce com feições diferentes em cada fase da vida. Enquanto crianças e adolescentes, não há muito que ser lembrado da própria história de vida. Para o adulto ativo, a atividade de recordar é tida como se fosse uma fuga, ou até mesmo contemplação nos momentos de lazer. Preocupado com sua vida prática, o adulto dificilmente se entrega à arte de rememorar. Essa tarefa parece caber ao idoso: ser a memória da família e do seu grupo social. É essa sua obrigação: “lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1987, p. 24). No entanto, se essa experiência for tomada como única condição de possibilidade de vivência no coletivo, então a tarefa de lembrar pode se tornar aprisionadora do sujeito e há o risco de perder a dimensão política do resgate do passado.

Em nossa experiência de atuação junto ao grupo de idosos, percebemos que o passado, seja ele advindo de uma história de vida ou mesmo de acontecimentos do cotidiano, é muitas vezes privado de expressão no meio social. Muitas de suas histórias chamadas “do arco da velha” permanecem guardadas num museu peculiar: seu próprio corpo. Passada a sua fase chamada produtiva no mundo do trabalho, ele pode deleitar-se a essa tarefa de recordar, mas para quem ele o faz? Como pode exercer sua ‘função social’ e seu exercício político se suas lembranças se perdem numa linguagem discursiva que não encontra interlocutores? “Ele (o idoso) não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou uma vida inteira para aprender” (BOSI, 1987, p. 37). Em meio a uma sociedade que preza a velocidade, a aceleração do tempo e a compressão dos espaços, a experiência narrativa e a escuta desta parece ter seu espaço demasiadamente reduzido.

A narrativa tem um veio forte de história oral, na qual verdades e mentiras se misturam entre as paixões humanas e o fantástico da vida. Mas as narrativas contemporâneas deram lugar à informação veiculada pelo jornal, que passa os fatos de forma “imparcial e verídica”. A necessidade criada pela cultura de ter que estar bem informado leva o sujeito a um bombardeio de informações que só têm valor no instante mesmo em que surgem. Passado alguns poucos momentos, elas se perdem e se esgotam, dando lugar a outras notícias mais recentes. Seus sentidos são muito restritos, diferentemente da narrativa, que permanece no tempo e é polissêmica, ou seja, seus significados não se consomem. A arte de narrar é um trabalho artesanal. Trabalho que, para Bosi (1987), exige alma, olho e mão. É assim que o narrador transforma sua matéria - a vida humana: “seu talento de narrar vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo”. (p.49)

Além disso, ainda segundo Hanna Arendt (1972), os legados de uma geração só podem ser transmitidos às gerações seguintes através da palavra, porque o que se pode transmitir é o sentido daquilo que foi vivido e não a vivência concreta que, aliás, o próprio sujeito também pode desconhecer, pois a lembrança narrada pode não ter sido uma vivência do indivíduo, mas uma situação social. Assim, pensando não apenas na necessidade da apropriação da própria história, mas também na função social da transmissão da história da qual o sujeito é portador, torna-se necessário criar situações nas quais essas histórias, as experiências vividas, sejam lembradas, ressignificadas e contadas para os outros, ainda que os espaços para essas atividades estejam restritos atualmente.

Os resultados de nossa experiência, advinda de alguns anos, nos permite concluir que o fato de se ter um espaço para que as histórias de vida e a memória cultural venham à tona é densamente rico e essencial. Para os idosos, é uma possibilidade de resgate das próprias histórias que muitas vezes ficaram esquecidas por eles mesmos, além de poderem ter um espaço de interlocutores dentro e fora do grupo com o qual trabalhamos, uma vez que essas histórias circulam registradas em revistas, cartas ou cartazes. Para o psicólogo, é uma oportunidade de construir uma prática diferenciada que permite a arte do encontro não só do passado com o presente numa dimensão puramente temporal, mas um encontro geracional entre aqueles que possuem uma densa experiência de vida percorrida em diferentes estradas com aqueles que ainda estão no intermezzo da caminhada.

BIBLIOGRAFIA

ARENDR, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BOSI, E. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. (2ªed.)

CERTAU, M. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MAIRESSE, D.; FONSECA, T.M.G. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. Revista Psicologia em Estudo, dez 2002, vol 7, nº2, p. 111-116.